

POR DENTRO DOS FONES: A LEITURA CRÍTICA DO RAP NA SALA DE AULA SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS.¹

Jaqueline Nazaré Siqueira Costa²

Eliana Vasconcelos da Silva Esvael³

RESUMO: Pensar o exercício da leitura crítica é situar-se em um campo de extrema relevância social, uma vez que compreendemos a interpretação e a análise como instrumentos necessários à compreensão dos discursos disponíveis na sociedade contemporânea. A pesquisa foi realizada com estudantes do ensino médio de uma escola pública de João Pessoa – PB. A partir da interação com os alunos, realizada pela professora-pesquisadora, foi possível perceber o quanto as músicas de rap que estão "por dentro dos fones" se constituem como material interessante para a leitura crítica, por expressarem preocupações e vivências que fazem parte das comunidades situadas em contextos de vulnerabilidade. Partindo dessa motivação, e como material de pesquisa vinculado ao mestrado profissional em Linguística, surge o projeto Por Dentro dos Fones, com o objetivo de, por meio das músicas de rap, formar leitores críticos e promover reflexões sob a perspectiva da educação em direitos humanos. A metodologia da pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa. Como referencial teórico, foram utilizadas contribuições relacionadas à Análise do Discurso de Pêcheux (1995; 2008; 2014), assim como os desdobramentos pecheutianos presentes nos estudos de Orlandi (2005; 2012; 2020). Além da abordagem no campo da Linguística, a pesquisa considerou materiais sobre o rap nacional e reflexões relacionadas à educação em direitos humanos, com base em Candau (2007) e Nader (2007). Desse modo, o presente trabalho tem por objetivo apresentar essas ações no formato de relato de experiência, com o intuito de contribuir para os estudos e metodologias de leitura, compreendendo o rap como uma possibilidade de mediação na formação de habilidades linguísticas, assim como na formação social. Como resultado, constatamos o interesse dos estudantes por uma leitura mais crítica das letras de rap que escutam, relacionando-as às suas vivências sociais na comunidade, o que proporcionou experiências muito significativas.

Palavras-chave: Leitura crítica, Rap, Educação em direitos humanos.

¹ O artigo é resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido no Mestrado Profissional em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

² Doutoranda - Universidade Federal da Paraíba - UFPB, jaquencosta@gmail.com.

³ Professora Dra. (UFPB), orientadora e coautora, eliana.esvael@academico.ufpb.br.

INTRODUÇÃO

Pensar a leitura sob uma perspectiva discursiva significa situá-la no campo da produção de sentidos, reconhecendo seu papel fundamental na formação crítica e cidadã dos sujeitos. A presente experiência, realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba, surgiu da constatação das fragilidades nas práticas de leitura dos estudantes do ensino médio, sobretudo no que se refere à interpretação crítica dos discursos que circulam na sociedade contemporânea. Nesse cenário, o rap se apresenta como um gênero discursivo potente para a mediação de práticas de leitura, pois traz à tona as vozes das periferias e dos sujeitos historicamente silenciados.

A intervenção da pesquisa foi realizada no âmbito da educação pública, na Escola Cidadã Integral Técnica Pedro Anísio Bezerra Dantas, escola na qual sou professora efetiva, atuando como docente da disciplina de Língua Portuguesa. Os sujeitos contemplados foram estudantes da 2ª série do ensino médio, em sua maioria moradores de comunidades localizadas no entorno da unidade escolar, situada no Bairro dos Ipês, no município de João Pessoa, estado da Paraíba.

O estudo fundamenta-se na Análise do Discurso de linha francesa (Pêcheux, 1969; Orlandi, 2012), articulada aos conceitos de ideologia e formação discursiva, e dialoga com Foucault (1979) quanto às relações de poder e resistência, com Freire (1987, 1992) na perspectiva da leitura de mundo e emancipação, e com Candau (2007) e Nader (2007) no campo da Educação em Direitos Humanos (EDH). Autores como Kleiman (2005), Soares (2009), Rojo (2009) e Sibilia (2012) também contribuíram para compreender os desafios contemporâneos do letramento e das práticas de leitura na escola.⁴

Fernandes (2022, p. 23) traz algumas reflexões sobre letramento associado aos estudos da análise do discurso.

Na análise do discurso, o letramento pode ser compreendido como um fenômeno da linguagem, como um processo polissêmico envolvido no uso e na interação da língua, segundo o qual são articuladas as formações ideológicas, o sujeito e os contextos de constituição dos discursos, independentemente da modalidade aplicada, oral ou escrita (baseada no alfabeto), ou do suporte utilizado (vocal ou gráfico).

Assim, o letramento, enquanto fenômeno linguístico, articula elementos discursivos e, compreendido sob esse viés, possibilita conceber a leitura como uma tomada de consciência,

⁴ Apresentamos, a seguir, algumas considerações teóricas em formato condensado, de modo a adequar o texto à proposta deste relato de pesquisa e ao conteúdo desenvolvido de forma mais ampla no documento completo da dissertação.

entendendo-a como um exercício crítico realizado por meio da observação e análise dos mecanismos discursivos presentes em um texto, uma imagem e até mesmo em uma música. De acordo com Orlandi (2020, p.21),

[...] o estudo da linguagem não pode estar apartado da sociedade que a produz. Os processos que entram em jogo na constituição da linguagem são processos histórico-sociais. A Análise do discurso tem uma proposta adequada em relação a estas colocações, já que no discurso constatamos o modo social de produção da linguagem. Ou seja, o discurso é um objeto histórico-social, cuja especificidade está em sua materialidade, que é linguística.

O que a autora sugere, portanto, é um estudo implicado na investigação dos modos de produção social da linguagem. Para isso, é necessário examinar os discursos e suas materialidades a partir de uma leitura, que contemple um percurso reflexivo de análise, com ferramentas e certo rigor científico. Esse empreendimento analítico possibilita adotar uma postura mais crítica em relação aos discursos emitidos, discursos esses que têm a intenção de produzir efeitos de sentidos e se apresentam como mecanismos políticos e ideológicos.

Pêcheux propõe um método de leitura para além do linguístico, construindo e reconstruindo noções essenciais para o processo de análise discursiva. Inicialmente, esse método tinha como objeto o discurso político, o que se justifica pelo fato de que Pêcheux possuía uma atuação ativa no contexto sociopolítico da França no final dos anos 1960 — década que marca o surgimento da AD, cujo objetivo, em um primeiro momento, era compreender a crítica ideológica contida nos discursos.

Ferreira (2003, p.41) afirma que:

A AD caracteriza-se, como se vê, desde o seu início, por um viés de ruptura a toda uma conjuntura política e epistemológica e pela necessidade de articulação a outras áreas das ciências humanas, especialmente a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise.

Essa característica de diálogo com outras áreas é, sem dúvida, fundamental para a constituição da AD, visto que compreende a importância de considerar aspectos antes não problematizados no campo da linguagem. Orlandi (2020, p. 23) prefere referir-se a essa característica, afirmando que a AD não deve ser vista como interdisciplinar, mas como uma “disciplina de entremeio”, e explica: “uma disciplina de entremeio é uma disciplina não positiva, ou seja, ela não acumula conhecimentos meramente, pois discute seus pressupostos continuamente”. Isso demonstra que a existência dessas áreas (linguística, psicanálise e ciências sociais) se dá através de uma relação de contrastes e, ao mesmo tempo, de aplicação mútua. Em outras palavras, não há sobreposição de uma área sobre a outra, e as relações são analisadas de

forma intrínseca, tendo a AD a função de entremear.

Orlandi (2000, p.27) afirma que “o que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise”. Portanto, a escolha desse viés não ocorreu aleatoriamente, mas decorreu da possibilidade de instrumentalizar a AD em uma prática de ensino que visa, sobretudo, analisar o discurso como um instrumento ideológico, materializado nas letras do rap, as quais expressam as experiências vivenciadas pelos estudantes e as relações sociais presentes nas periferias brasileiras. Ademais, é possível perceber como o rap convoca à reflexão, problematizando questões sociais, em um movimento inconsciente dos processos de identificação e contra-identificação que estimulam tomadas de posição de aceitação, resistência ou transformação.

Ao tratar do Ensino Médio, a BNCC traz a seguinte reflexão sobre as especificidades do público pertencente a essa etapa de ensino:

No Ensino Médio, os jovens intensificam o conhecimento sobre seus sentimentos, interesses, capacidades intelectuais e expressivas; ampliam e aprofundam vínculos sociais e afetivos; e refletem sobre a vida e o trabalho que gostariam de ter. Encontram-se diante de questionamentos sobre si próprios e seus projetos de vida, vivendo juventudes marcadas por contextos culturais e sociais diversos. Por ser um período de vida caracterizado por mais autonomia e maior capacidade de abstração e reflexão sobre o mundo, os jovens, gradativamente, ampliam também suas possibilidades de participação na vida pública e na produção cultural. Eles fazem isso por meio da autoria de diversas produções que constituem as culturas juvenis manifestadas em músicas, danças, manifestações da cultura corporal do movimento, vídeos, marcas corporais, moda, rádios comunitárias, redes de mídia da internet, gírias e demais produções e práticas socioculturais que combinam linguagens e diferentes modos de estar juntos (Brasil, 2018, p.473).

É importante frisar que a multiplicidade de práticas socioculturais deve ser considerada no planejamento didático das aulas, não somente de Português, mas de outras disciplinas da BNCC e da base diversificada do currículo de ensino. Atrair os estudantes para a leitura não precisa nem deve ser uma tarefa “engessada”, com textos descontextualizados da realidade social dos educandos e desconectados das tantas possibilidades de leitura existentes na sociedade contemporânea.

Diante das novas características leitoras, é necessário adotar uma postura aberta a metodologias e formas de ensino que contribuam para a ampliação da percepção dos efeitos de sentido, promovendo, assim, a valorização do caráter investigativo dos textos e de seus discursos. Sibila (2012, p.78) afirma:

Como dois lados da mesma moeda, hoje a estimulação é abundante mas escasseia a capacidade de incorporar esses estímulos, que deslizam sem se assentarem na subjetividade por meio da consciência. Esse seria um dos motivos, aliás, pelos quais se revela tão importante tecer redes, já que estas multiplicam as conexões e permitem

habitar de modo conjunto a torrente informacional, produzindo uma densidade capaz de desacelerar essa avalanche e captar de algum modo o que se sucede tão rapidamente, transformando-o em experiência.

Assim, diante desse torrencial de informações que aceleram a percepção e, conseqüentemente, provocam o deslocamento do exercício da consciência subjetiva, atualiza-se a discussão acerca da importância de abandonar metodologias ultrapassadas, baseadas em atividades superficiais de compreensão textual, muitas vezes desestimulantes por não possuírem um sentido real para os estudantes. É necessário, portanto, promover uma didática que proporcione um letramento efetivo, capaz de atuar como estímulo subjetivo e de promover a reflexão sobre a leitura como discurso e experiência.

Partindo desses pressupostos, nos propusemos a compreender e desvencilhar o seguinte questionamento: De que forma o sujeito-professor de Língua Portuguesa pode desenvolver um trabalho com leitura de músicas, em especial o rap, estimulando a criticidade a partir dos discursos materializados nas letras dessas canções?

Na sequência, para subsidiar as reflexões tecidas em torno da questão-problema, foram elencadas as seguintes hipóteses: 1) Apesar de os estudantes ouvirem e utilizarem letras de rap acessadas por meio das tecnologias e mídias sociais, muitas vezes não se dão conta, nem são estimulados a expressar seu entendimento sobre o discurso materializado nessas canções; 2) O uso de uma proposta mediadora, por meio da leitura de letras de rap, pode contribuir para o desenvolvimento da criticidade, além de favorecer a consciência política e o amadurecimento em relação às questões ligadas aos direitos humanos.

Alinhados a essas hipóteses, traçamos como objetivo geral investigar e refletir sobre as letras de rap como proposta mediadora para o desenvolvimento da leitura em sala de aula, sob o contexto da educação em direitos humanos. Nesse sentido, foram definidos os seguintes objetivos específicos: 1) Investigar, por meio de questionários, as vivências musicais dos estudantes e a prática de leitura desses textos; 2) Proporcionar o conhecimento sobre as origens do movimento hip-hop e a historicidade do rap, com ênfase em suas características estéticas e discursivas; 3) Dialogar com os estudantes sobre o rap e estimular a consciência crítica em relação aos temas e discursos em práticas contemporâneas; 4) Desenvolver atividades de leitura de letras de rap, bem como metodologias ativas que envolvam os estudantes no estudo dos temas propostos, sob a perspectiva da educação em direitos humanos; 5) Apresentar o relato de experiência, com o intuito de partilhar os resultados com outros profissionais da educação básica e estudiosos da área, além de disponibilizar um caderno pedagógico contendo os quatro módulos desenvolvidos ao longo do projeto didático.

Assim, este relato se constrói como uma prática movida pelo desejo de partilha e tem como objetivo refletir sobre a experiência em sala de aula empreendida a partir dos estudos teóricos desenvolvidos ao longo do percurso no mestrado profissional, tomando o rap como proposta mediadora de leitura crítica e formativa no contexto da Educação em Direitos Humanos (EDH), além de compartilhar os resultados e aprendizados decorrentes dessa experiência docente.

METODOLOGIA

A pesquisa, de natureza qualitativa e caráter aplicado, configurou-se como uma pesquisa-ação, uma vez que uniu o fazer pedagógico à reflexão teórica. O locus do estudo foi a Escola Cidadã Integral Técnica Pedro Anísio Bezerra Dantas, onde a pesquisadora atua como professora de Língua Portuguesa. Participaram da investigação 34 estudantes da 2ª série do ensino médio, com idades entre 16 e 18 anos, residentes em comunidades do entorno da escola.

É importante frisar que esta pesquisa foi oficializada junto aos comitês de ética da universidade, bem como junto à gestão da escola-campo, onde recebeu o título “Por dentro dos fones”, com o objetivo de promover maior identificação e engajamento por parte dos estudantes participantes. Realizou-se uma apresentação formal à equipe escolar, ocasião em que foram expostos os objetivos e o percurso metodológico pretendido pela pesquisa.

Vale ainda ressaltar que a ação empreendida também se caracterizou como uma pesquisa participante, na medida em que foi desenvolvida “a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 67). Ao adotar essas metodologias de pesquisa, colocamos os estudantes e sua interação como fundamentais no processo, realizando o que Orlandi (2012, p.52) denomina de “relação dialética entre aprendiz e professor”, espaço em que “o aluno não está no grau zero, o professor não está no grau dez e a relação entre eles pode ser fecunda para ambos”.

Os instrumentos de coleta de dados incluíram entrevistas iniciais, questionários diagnósticos e o desenvolvimento de um projeto didático composto por quatro módulos: (1) leitura sob a perspectiva da educação em direitos humanos; (2) história do rap e suas características discursivas; (3) leitura e análise da canção “Negro drama”, do grupo Racionais; e (4) apresentações de seminários sobre letras de rap escolhidas pelos próprios alunos, seguido por uma roda de conversa com o rapper convidado Kevin Wilder.

A metodologia apoiou-se nos pressupostos da Análise do Discurso, considerando as letras de rap como materialidades simbólicas carregadas de sentidos ideológicos, históricos e

sociais. A coleta de dados foi acompanhada por registros em diário de bordo, anotações de observações de aula e produções textuais dos alunos. Os dados foram analisados qualitativamente, buscando compreender como os discursos presentes nas músicas e nas falas dos estudantes revelam modos de subjetivação, resistência e construção de sentidos críticos.

Todo esse processo prezou pela intensa participação dos estudantes, que, a todo momento, foram envolvidos de forma a expressar suas opiniões de maneira interventiva nas etapas do projeto. Isso confere à pesquisa um caráter dialético que, como citam Prodanov e Freitas (2013, p.35), se constitui como um método que, ao estudar um dado objeto, “considera todos os seus aspectos, suas relações e conexões, sem tratar o conhecimento como algo rígido”. Os conteúdos foram, portanto, ganhando forma a partir das relações de sentido estabelecidas pelos estudantes em suas leituras críticas sobre o rap e nas discussões temáticas mediadas pela análise dessas canções.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apontam para um significativo avanço na postura crítica dos estudantes em relação às letras de rap e aos discursos sociais nelas contidos. Inicialmente, a maioria dos participantes demonstrava interesse nas músicas apenas por sua sonoridade ou por identificarem-se com os artistas, sem refletir sobre as questões ideológicas e sociais presentes nos textos. Após as atividades de leitura e análise discursiva, observou-se o despertar de um olhar interpretativo mais apurado, que relacionava o conteúdo das letras às vivências pessoais e coletivas.

De modo geral, por meio da entrevista inicial, foi possível perceber uma grande predileção por raps que apresentam relatos de vida, funcionando como elementos de forte identificação. “Não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontros com ele, o encontra” (Pêcheux, 2008 [1975b], p. 29). Nesse sentido, é como se os ouvintes se deparassem com o real retratado nas letras do rap, estabelecendo, assim, uma identificação imediata. Esse foi um dos aspectos mais observados na pesquisa sobre a vivência dos estudantes com esse gênero musical.

Por fim, a partir das preferências percebidas, realizamos um debate sobre cada artista de rap citado pelos estudantes, abordando também os temas priorizados por cada um em suas produções discursivas e seus respectivos nichos. Foi interessante notar que os estudantes reconheceram os diferentes estilos de rap e identificaram as principais diferenças entre as abordagens dos artistas citados.

A partir da exibição de um documentário⁵ sobre Bob Marley, discutimos como o reggae desempenhou um papel fundamental na mudança da concepção sobre a função da música, que passou a ser entendida não apenas como uma forma de entretenimento, mas também como uma poderosa ferramenta de reflexão social, influenciando o surgimento do rap e de outros estilos musicais cujo cerne é a crítica social expressa por meio das canções.

A partir dessa discussão, elaboramos uma linha do tempo musical, que foi apresentada e debatida com os estudantes, permitindo um estudo abrangente sobre o percurso do rap, desde seu surgimento até sua chegada ao Brasil. Discutimos a presença do samba e de músicas pertencentes à música popular brasileira que sofreram perseguição durante o período da ditadura militar no país, até chegarmos ao rap e à visão que esse estilo musical possui atualmente no Brasil. Refletimos sobre o rap e sua forte identificação com a cultura negra e toda a sua história de luta por igualdade de direitos.

Todo esse debate proporcionou uma reflexão sobre as condições de produção de um determinado discurso. Mostramos aos estudantes que os textos representam muito mais do que as palavras e que ler para além dos aspectos linguísticos permite uma compreensão mais elucidativa dos discursos.

Ademais, a aula desenvolvida no módulo sobre Direitos Humanos foi uma das mais citadas nos diários de bordo, com alguns estudantes já relacionando o tema à produção do rap e às questões sociais retratadas e discutidas nessas canções, como pode ser verificado nos seguintes relatos:

Na aula de hoje, vimos um pouco mais sobre o rap, como é o estilo dos cantores e fizemos um debate sobre os direitos humanos, onde cada grupo comentou e explicou os direitos que escolheu. A aula hoje foi muito interessante, aprendi muitos direitos que não conhecia e muitos darão ótimos repertórios para a redação do ENEM [sic] (Estudante EGG). Vimos um pouco sobre nossos direitos, direitos e leis que foram conquistados através de uma luta e é sobre essas lutas que o rap traz. A luta pela igualdade [sic] (Estudante ECC).

A realização dessa abordagem foi de extrema importância, pois os estudantes puderam perceber como o trabalho de leitura seria desenvolvido no sentido de compreender o rap para além do entretenimento, reconhecendo-o como um instrumento discursivo que representa as vozes de uma população marcada pela desigualdade social e pelos estigmas associados às comunidades periféricas.

⁵ Documentário disponível na plataforma Netflix. Acesso em: 14 de julho de 2025.

Para uma primeira análise, os estudantes elegeram o rap “Negro Drama”, do grupo Racionais MC’s, demonstrando grande interesse em refletir sobre a letra da música. Inicialmente, orientamos quanto à metodologia expositivo-participativa e destacamos a importância da colaboração de todos na leitura e no debate acerca dos pontos suscitados por essa prática.

Desse modo, organizamos a leitura a partir da seleção de trechos específicos das músicas, promovendo discussões moduladas que, mesmo sem abordar diretamente os conceitos, contemplaram tópicos como sujeito, ideologia, memória discursiva, interdiscurso e formação discursiva. Além disso, foram mobilizadas noções como poder, saber e resistência, entre outras discussões que emergiram ao longo da interação e da leitura conduzida pelos próprios alunos.

Sobre o trabalho com esses elementos teóricos em sala de aula, Indursky (2009, p. 101) afirma: “[...] não estou supondo que tais noções devam fazer parte do que vai ser colocado em aula pelo professor. São noções a serem do domínio do professor e que devem orientar seu trabalho e sua prática em sala de aula”. Assim, não se pretendeu nomear cada noção ou realizar explicações teóricas sobre elas aos estudantes, mas sim conduzir a leitura do rap mobilizando tais conceitos, o que não excluiu a possibilidade de apresentar um breve preâmbulo sobre cada tópico, à medida que as explicações e interpretações dos estudantes proporcionaram essa abertura.

Iniciamos a atividade escutando a música “Negro drama”, acessada pelo YouTube, acompanhada da letra impressa entregue a cada estudante. À medida que a música era tocada, muitos a acompanhavam cantando trechos e o refrão. Após esse momento, conversamos brevemente sobre a trajetória do grupo Racionais e sua importância para o rap brasileiro. Logo em seguida, realizamos o trabalho de leitura da música, mobilizando o conceito de sujeito a partir de um trecho específico e dos seguintes questionamentos: “Quem são os sujeitos que cantam a música?”, “Como ele próprio se define dentro da música?” e “Quais são as marcas discursivas que caracterizam esse sujeito?”.

Eu num li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama
Eu sou o negro drama
Eu sou o fruto do negro drama
[...] Eu sou irmão do meus truta de batalha
Eu era a carne, agora sou a própria navalha
Tim-tim, um brinde pra mim
Sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias (Negro Drama, Racionais, 2003).

Os estudantes participaram ativamente, destacando a presença do tom biográfico e reconhecendo que o sujeito é o artista do rap, com origem na periferia, que fala sobre aquilo que vivencia. Perceberam as marcas linguísticas do uso do verbo na primeira pessoa, mas foram além, articulando esse aspecto ao conhecimento construído nas aulas anteriores, ao refletirem sobre como o rap busca ser um espaço de voz para sujeitos negros e periféricos que foram historicamente discriminados e marginalizados pela sociedade.

Durante as discussões em sala, temas como racismo, desigualdade, violência e identidade tornaram-se recorrentes. Os estudantes perceberam que o rap funciona como um discurso de resistência e de denúncia, ao mesmo tempo em que promove a valorização das vozes periféricas. Essa percepção ficou evidente nos seminários, quando os grupos analisaram canções como “Insônia” (Hungria), “Espero que entendam” (Ébone) e “Libertários não morrem” (Filipe Ret), articulando-as às suas próprias realidades sociais. O diálogo com a teoria foucaultiana sobre poder e resistência ajudou a compreender como as letras revelam disputas simbólicas e funcionam como instrumentos de enfrentamento às práticas de silenciamento.

O trabalho com o rap também contribuiu para o fortalecimento da autoestima e da expressão oral dos alunos. Muitos se sentiram representados nas letras, reconhecendo-se como sujeitos de discurso e produtores de sentido. Ao mesmo tempo, o estudo possibilitou problematizar estereótipos e preconceitos que ainda cercam o gênero, mostrando que o rap é também um espaço de elaboração estética, política e educativa. O uso das letras como material de leitura em sala rompeu com a ideia de que somente os textos literários canônicos são dignos de análise escolar, abrindo caminho para uma pedagogia mais inclusiva e dialógica.

As reflexões freirianas sobre leitura do mundo encontraram eco nas falas dos estudantes, que passaram a reconhecer a leitura como prática de liberdade e ação transformadora. A educação em direitos humanos, nesse contexto, não foi apenas um conteúdo, mas um princípio que orientou as relações de diálogo, respeito e escuta mútua em sala de aula. O resultado mais expressivo foi o engajamento coletivo na produção do “Caderno de Atividades”, organizado com as propostas de leitura desenvolvidas. Esse material, além de sistematizar a experiência, tornou-se um legado compartilhável com outros docentes, fortalecendo o compromisso da escola com uma educação crítica e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada demonstra que o trabalho com o rap como proposta mediadora de leitura pode transformar o modo como os estudantes se relacionam com os textos e com o

mundo. Mais do que um gênero musical, o rap revelou-se um espaço discursivo fértil para o exercício da cidadania e da criticidade. Ao mobilizar saberes e vivências dos alunos, a prática docente rompeu barreiras simbólicas e instituiu um novo lugar para a leitura na escola pública.

Do ponto de vista teórico, a articulação entre a Análise do Discurso e a Educação em Direitos Humanos permitiu compreender a leitura como um ato político e de resistência. Sob essa ótica, o ensino de Língua Portuguesa não se restringe ao domínio das normas, mas se expande como prática social de significação. Do ponto de vista prático, a experiência reafirma o papel do professor como mediador de sentidos, capaz de transformar o texto em um dispositivo de reflexão sobre a realidade.

Conclui-se que o rap, ao ser legitimado como objeto de estudo, promove não apenas o letramento crítico, mas também a valorização das identidades e o combate às desigualdades simbólicas. A continuidade de experiências como esta, em diferentes contextos escolares, pode contribuir para consolidar uma educação comprometida com os direitos humanos, com a diversidade cultural e com a construção de sujeitos leitores e conscientes de seu papel social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

FERNANDES, Ana Cláudia Florindo. **O rap e o letramento: caminhos de uma educação emancipatória**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2022.

FERREIRA, M. C. L. **O quadro atual da análise de discurso no Brasil**. Letras, (27), 2003, p. 39–46. <https://doi.org/10.5902/2176148511896>

INDURSKY, Freda. Leitura, escrita e ensino à luz da Análise do discurso. In: **Presenças de Michel Pêcheux: da análise do discurso ao ensino** / Lucas Nascimento (organizador). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, p. 97-120.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do dizer**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso – princípios e procedimentos**. Campinas - SP: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad.: Eni Orlandi. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2008 [1975b].

PRODANOV, Cléber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.